

Jogar com o peixe: Percepção e conhecimento na pesca litorânea potiguar

Paulo Gomes de Almeida Filho²⁸

Resumo: O mar é o palco de uma das relações mais complexas da *sociedade-natureza*: o encontro possível através da mediação técnica pesqueira entre homens e seres marinhos. A partir da pesquisa bibliográfica e da experiência empírica do autor sobre coletivos pesqueiros no litoral do Estado do Rio Grande do Norte (Brasil), percebeu-se a existência do que chamamos de *jogo*, metáfora para o luta pela existência entre humanos e não-humanos no ambiente marinho, operacionalizado pelas noções de *perícia-técnica* (domínio das técnicas de pesca) e *moral-técnica* (regra/limite que consiste no uso de técnicas que não eliminem totalmente as possibilidades de escapatória do pescado). Em termos êmicos, saber *jogar* significa operacionalizar concomitantemente as duas noções citadas, o que confere ao pescador prestígio social em seu agrupamento. Contudo, as relações entre pescadores e seres marinhos são alteradas de acordo com a modalidade de pesca praticada: pescadores artesanais costumam enfatizar a ausência do *jogo* entre os pescadores ligados à pesca industrial. Desta forma, a proposta desta comunicação é descrever e analisar, sob a luz do conhecimento antropológico, as relações humano-não humanos na pesca marítima potiguar, com ênfase sobre a noção de *jogo*.

Palavras-chave: Jogo, Coletivos Pesqueiros, Técnica, Relações Humanos/Não-Humanos

Introdução

– peixe – disse o velho –, eu gosto muito de você e o respeito muito. Mas vou matá-lo antes do fim do dia. (Hemingway – O velho e o mar, 2007)

Há alguns anos, desde que fui iniciado no campo da antropologia da pesca, tenho me interessado pelo tipo relação estabelecida entre pescadores artesanais e os seres marinhos. Em alguns momentos da minha trajetória nesse campo, estive em contato direto com eles – humanos e não-humanos que tem o mar como espaço comum – e são destas experiências que resultam o presente artigo.

²⁸ Doutorando em Antropologia Social – PPGAS/UFRN. Pesquisador colaborador do grupo Etnologia, Tradição, Ambientes e Pesca Artesanal (ETAPA/UFRN)



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

No ano de 2010, tive a oportunidade de conhecer em contexto de pesquisa todos os coletivos de pesca localizados no litoral oriental do Rio Grande do Norte – faixa territorial que se inicia no Sagi (distrito do município de Baía Formosa) e se encerra em Barra de Maxaranguape (distrito do município de Maxaranguape) – através do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) promovido pelo Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), onde atuei como assistente de pesquisa. Em outras ocasiões, também de pesquisa etnográfica, conheci os coletivos pesqueiros de Touros, Galinhos e Caiçara do Norte, municípios do litoral norte do Rio Grande do Norte. Na ocasião em que fui assistente de pesquisa no inventário promovido pelo IPHAN sobre o ofício da pesca artesanal no litoral oriental do Estado, fiquei responsável pela coleta de dados referentes às técnicas de pesca²⁹, somados a estas experiências iniciais, tenho os dados coletados sobre a pesca artesanal no município de São Miguel do Gostoso, durante a minha pesquisa de mestrado³⁰.

Além da minha experiência prática em antropologia sobre coletivos pesqueiros do Rio Grande do Norte, soma-se uma significativa produção bibliográfica que, de algum modo, abordam as relações entre humanos e não-humanos em contextos de pesca. Sobre estas relações, muito mais amplas e complexas do que ousaria abordar, destaco neste artigo a noção de *jogo*, algo que venho observando entre os pescadores potiguares e que outros pesquisadores em outros contextos também perceberam, recebendo deles outras terminologias, como por exemplo, *Batalha* (DUARTE, 1999), *Duelo* (SAUTCHUK, 2007) e *Estética* (RAMALHO, 2010-2011).

O que chamo de *jogo* – embora a palavra faça parte do vocabulário dos pescadores locais – diz respeito ao momento limiar deste modo de existência, quando homens, artefatos técnicos e animais marinhos estão unidos de forma simétrica. A relação manifesta em forma de *jogo* é orientada pelas noções de *perícia-técnica* – o domínio cognitivo e corporal do conjunto de técnicas de pesca a serem usadas a depender do pescado que se pretende capturar – e *moral-técnica* – regra que consiste no uso de técnicas que não eliminem totalmente as possibilidades do pescado escapar. A expressão *jogar com o peixe* reflete a humanização desta relação, ou seja, o reconhecimento de que semelhantemente aos homens, os seres marinhos são sujeitos dotados de ação. O prestígio e

²⁹ Por questões contratuais não utilizei diretamente estes dados no artigo, embora nada me impeça de estender minhas conclusões sobre o fenômeno abordado aos coletivos pesqueiros com os quais tive contato por intermédio daquela pesquisa.

³⁰ Intitulada “*Aqui se faz gostoso*”: uma etnografia do turismo em São Miguel do Gostoso/RN, a dissertação defendida em 2014, versa sobre o processo de *turistificação* de uma tradicional reduto de pesca.

reconhecimento do pescador junto ao seu agrupamento é resultado da sua competência nesse *jogo*, ou seja, da sua competência em operacionalizar concomitantemente as duas noções citadas.

Contudo, alguns autores (DIEGUES, 1983; MALDONADO, 1986; DUARTE, 1999; RAMALHO, 2010-2011) chamaram a atenção para os modos de relações com o mar e com os não-humanos diferenciados entre os pescadores da pequena pesca e aqueles que são funcionários de companhias industriais de pesca. Na perspectiva destes autores, tais diferenças residem no modo de produção destas: a primeira orientada – apesar de todas as mudanças em vigor desde meados dos anos 70, sobretudo nos artefatos técnicos – por um modo de produção artesanal, enquanto a segunda opera sob os moldes da produção capitalista. Tal distinção é sustentada na crença dos pescadores artesanais de que os pescadores ligados às companhias industriais de pesca não *jogam com o peixe*, pois, seguindo esta lógica, eles perderam a autonomia sobre seu trabalho – da escolha do pescado a capturar e das técnicas a serem utilizadas – o que promoveu um distanciamento entre aqueles pescadores e os seres marinhos. Todavia, se faz necessário anunciar que neste artigo não adensarei sobre os processos técnicos nas companhias industriais de pesca, pois não disponho de dados para tal. Fico a partir daqui, responsável por explicar aos leitores, com o maior detalhamento sobre os processos sociotécnicos que levam a noção de *jogo*.

Sobre homens e peixes: A pesca artesanal no litoral potiguar

Antes de me aprofundar sobre os processos sociotécnicos que estruturam o que os pescadores artesanais potiguares entendem por *jogo*, se faz necessário uma descrição, mesmo que breve, sobre a pesca artesanal e os conceitos que norteiam a minha discussão sobre o assunto. É importante, desde já, que os leitores saibam o que estou a dizer quando me refiro à pesca artesanal. Entendo por artesanal toda pesca cuja organização e participação nos processos sociotécnicos seja orientada por relações de parentesco, realizada em embarcações de menor porte, com apetrechos técnicos produzidos de forma artesanal e adaptados ao meio social e físico do qual fazem parte, cujos conhecimentos sejam transmitidos ao longo de gerações através da oralidade e, principalmente, da prática (DIEGUES, 1983; MALDONADO, 1986).

No Brasil, a pesca artesanal se consolidou enquanto atividade econômica a partir do século XIX, desde lá a atividade sedimentou até os dias atuais toda uma tradição no que se refere à

apropriação e o manejo do mar. Em termos econômicos, ainda continua sendo uma atividade expressiva. Segundo o Ministério da Pesca e Agricultura (MPA), só a pesca artesanal é responsável por 62% da produção e comercialização do pescado do país. No Rio Grande do Norte, com seus 410 km de litoral, a pesca artesanal assume uma posição de destaque entre as práticas culturais e econômicas, sendo responsável por 80% da produção pesqueira total (IBAMA-RN, 2008). A costa do Estado, dividida em Setentrional e Oriental, possui 76 comunidades de pesca artesanal distribuídas entre os 19 municípios costeiros³¹.

A atividade pesqueira potiguar é possível, entre outros fatores, graças a sua frota de embarcações adaptadas às especificidades ambientais, boa parte delas de pequeno porte, medindo entre 8 e 12 metros de comprimento, movidas à vela e remos (jangadas e paquetes) ou à motor (barco/bote). As técnicas de pesca mais utilizadas são: a pesca de linha, a rede de espera, a pesca de arrasto, a caçoeira, a tainheira, a tarrafa, o tresmalho, o espinhel, o covo (armadilha para lagosta), mergulho com e sem compressor.

Outra característica importante da pesca artesanal potiguar é a forma de comercialização do pescado. Nesta modalidade de pesca, onde o pescador é proprietário dos meios de produção e possui autonomia sobre os processos e resultados do seu labor, a figura do *atravessador* cumpre função importante na complexa rede de relações que dão forma a atividade. Ele é o agente responsável na economia pesqueira artesanal pela comercialização do pescado em mercados inacessíveis aos pescadores. O *atravessador* também atua como um financiador na compra dos suprimentos necessários para a manutenção da pesca e provê os pescadores e seus familiares quando acometidos por moléstia. Com isto, este intermediário consegue submeter os pescadores a uma economia baseada na moral, onde mesmo tendo consciência do processo espoliativo da relação, os pescadores se mantêm fiéis ao *atravessador*.

Quanto as formas de organização política nesta modalidade de pesca, é notório que estas se deem de duas maneiras: uma mais tradicional, centrada na figura do *mestre pescador*; outra de caráter

³¹ Baía Formosa, Canguaretama, Tibau do Sul, Senador Georgino Avelino, Nísia Floresta, Parnamirim, Natal, Extremoz, Maxaranguape, Touros, Pedra Grande, São Bento do Norte, Galinhos, Guamaré, Macau, Porto do Mangue, Areia Branca e Grossos.

administrativo, ligada aos órgãos de regulação estatal (Colônias de pesca e federações de pesca). Ao longo da costa potiguar, somam-se 30 Colônias.

O Mestre e seu prestígio

Nessa modalidade de pesca (artesanal), saber *jogar com o peixe* é essencial. Aqueles que se mostram competentes na execução técnica adquirem prestígio em seu coletivo. E o prestígio é central na organização política pesqueira, está diretamente associado ao carisma que torna o *mestre* um líder frente aos seus pares. Ao qualificar a autoridade carismática, Weber afirma:

Em contraste com qualquer tipo de organização burocrática, a estrutura carismática desconhece uma forma ou um processo ordenado de nomeação ou demissão. Ignora qualquer “carreira”, “progresso”, “salário” regulares, ou o treinamento especializado e regulamentar do portador do carisma ou de seus auxiliares. Não conhece - qualquer agência de controle ou recurso, bailios locais ou jurisdição funcionais exclusivas; nem abarca as instituições permanentes como nossos “departamentos” burocráticos, independentes das pessoas e do carisma exclusivamente pessoal. (WEBER; 1974, pg. 284-285).

A pesca artesanal é uma atividade honorífica e hierarquizada, não em classes, segmentos ou estamentos, mas em valores, status, prestígio. Não garante ao líder distinção em rendimentos, no geral, o contrário, é comum que se exista uma homogeneidade econômica, quando não é o caso do *mestre* possuir até menos bens do que os seus companheiros. Este traço também foi observado por Fortes & Pritchard (1981) em sistemas políticos africanos onde não havia um poder centralizado. Sobre esses sistemas, eles afirmam:

As funções políticas não trazem consigo privilégios econômicos, ainda que a posse de riqueza mais avultada do que a média possa ser um critério para as qualidades ou status requeridos para a liderança política, porque nestas sociedades economicamente homogêneas, igualitárias e segmentárias a obtenção de riqueza depende de qualidades pessoais excepcionais de realizações ou de uma status superior no sistema de linhagem. (pg. 37-38)



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Entre os coletivos estudados, o prestígio não se herda, é conquistado. Se conquista através da competência técnica na prática pesqueira. Isso encontra ressonância nas palavras de Weber:

O líder carismático ganha e mantém a autoridade exclusivamente provando sua força na vida. Se quer ser profeta, deve realizar milagres; se quer ser senhor da guerra, deve realizar feitos heroicos. Acima de tudo, porém, sua missão divina deve ser “provada”, fazendo que todos os que se entregam fielmente a ele se saiam bem. Se isso não acontecer, ele evidentemente não será o mestre enviado pelos deuses. (WEBER; 1974, pg.287)

Desta forma, não há entre os pescadores, individuo mais prestigiado do que o *Mestre*. Ele, em alguma fase de sua vida na pesca, se mostrou apto a receber de um *Mestre* mais velho o segredo da *marcação*, o que faz com que uma tripulação siga as suas orientações durante a pescaria ou que o aceite opinar sobre os mais diferentes assuntos.

A gente não é *Mestre* por acaso. Eles me escutam porque eu entendo das coisas, são muitos anos de pesca, eu sei *marcar* direitinho. Quando o mar tá ruim, tá ruim pra todo mundo. Não é culpa minha. Quando tem peixe, eu sei onde encontrar. (Chico Neri – *Mestre de pesca*. São Miguel do Gostoso, 03/2013)

As palavras do *Mestre de Pesca*, Chico Neri, reforça o que tem sido dito até agora sobre o papel do carisma e prestígio nesse segmento social. Ele nos mostra que a *mestrança* não é resultado de propriedades excepcionais da personalidade do mestre. Nas palavras do interlocutor, ser *mestre* é resultado da competência em “*marcar* direitinho”, ou seja, garantir aos tripulantes o sucesso na pescaria.

Geertz (2007) ao falar de carisma verificou que, nos casos por ele estudado, o poder dos monarcas, imperadores e líderes não se restringe à um segmento específico, mas que com ele circula. Semelhantemente, o prestígio do *Mestre Pescador* não está restrito ao ambiente marítimo, o *Mestre* traz com ele para a terra a liderança que possui no mar. O antropólogo americano, citando E. Shills, também afirma que o carisma não resulta de características excepcionais dos indivíduos, mas diz respeito a posição ocupada por ele dentro do centros de interesse do grupo do qual faz parte:

Tais centros, que ‘não têm qualquer relação com geometria e muito pouco com geografia’, são, em essência, locais onde se concentram atividades importantes; consistem em um ponto ou pontos de uma sociedade, onde as ideias dominantes fundem-se com as instituições dominantes para dar lugar a uma arena onde acontecem os eventos que influenciam a vida dos membros desta sociedade de uma maneira fundamental. É o envolvimento – mesmo quanto este envolvimento é resultado de uma oposição – com tais arenas e com os eventos ocasionais que nelas ocorrem, que confere o carisma. O carismático não é necessariamente dono de algum atrativo especialmente popular, nem de alguma loucura inventiva; mas está bem próximo ao centro das coisas”. (GEERTZ; 2007, pg. 184)

Semelhante ao *chefe com a pele de leopardo* dos Nuer, descrito por Pritchard (1981), e da chefia indígena, nos grupos pesquisados por Clastres (1978), o *Mestre de pesca* é dotado de poder não-coercitivo. Seus companheiros seguem as suas instruções por reconhecer a sua capacidade técnica no mar e a sua mediação política em terra.

Percebo no *Mestre de Pesca*, duas das características encontradas por Clastres (1978) na chefia indígena: 1) Poder de moderação e conciliação, consiste na atribuição de reunir seus pares em sua casa ou na *caiçara*³² para discutir questões de interesse do grupo, bem como, apaziguar conflitos que surjam entre os seus companheiros. O *Mestre* não tem o poder de decidir pelo grupo, ele reúne para que cheguem ao consenso. Ele não decide em um conflito qual das partes está certo, seu dever é fazer com que os companheiros cheguem ao acordo entre si; 2) Generosidade. A avareza é altamente condenada nesse segmento, nada pesa tanto sobre o prestígio de um *Mestre de Pesca* quanto a falta de generosidade. Mesmo em períodos de maior dificuldade financeira, cabe ao *Mestre* ajudar aos seus companheiros, prover a família de um pescador quando este se afastar por motivos de doença ou mesmo em caso de morte.

Clastres (1978) destaca ainda o poder de oratória como imanescentes à chefia indígena. Em parte, a primeira delas pode se aplicar à *mestrança*. Ampla maioria dos pescadores que conheço são

³² Um espaço circular coberto com palhas de coqueiro, geralmente situado nos pontos de pesca e ancoragem das embarcações. Trata-se de um importante espaço de sociabilidade pesqueira.

tímidos e arredios, um traço do *ethos* pescador (MALDONADO, 1986). Mas, apesar do dom da oratória não lhe caber perfeitamente, tal como aos chefes indígenas, ainda sim, alguém precisa falar e este é sempre o *Mestre*. Cabe a ele a interlocução com os seus pares e com os grupos externos. Ele não fala em nome do grupo, mas é alguém que fala, é alguém considerado sempre a falar.

Clastres (1978) ao descrever as características da chefia indígena observou que esta mais parecia servidão do que prestígio, pois o direito dos chefes a poligamia não compensava os seus deveres com o grupo. No caso do *Mestre de Pesca*, a compensação vem de forma material e simbólica. Na divisão do pescado capturado, o *Mestre* ficará com a metade, enquanto a outra metade será repartida entre os outros membros da organização produtiva. Com a maior parte, também lhe resta o dever de ser generoso. Sua compensação simbólica, virá no estatuto social que o grupo lhe confere, no gozo pujante de ocupar a posição de destaque na hierarquia da pesca.

Pelo exposto até aqui, mostrei em como a atividade pesqueira se organiza produtivamente e em como o prestígio é essencial para o seu funcionamento. Como dito no início do tópico, o prestígio é o produto direto da competência técnica, ou seja, no saber *jogar com o peixe*. Vejamos a partir de agora a maneira como isso se operacionaliza.

Corpo e técnicas

Hoje eu não pesco mais, a vista cansou, as pernas e as mãos não dá mais conta do serviço. As ‘junta’ dói tudo. De tanto pescar, gastei o corpo. (“Chueira” – *pescador aposentado*. São Miguel do Gostoso, 09/2013)

A pesca artesanal para além de uma atividade econômica de um determinado substrato cultural, se constitui em um saber técnico e prático que se inscreve de forma processual e tem no corpo a sua ferramenta mais elementar:

O trabalho pesqueiro inscreve-se e se constrói no uso do corpo, na educação do saber sensível humano, expressando-se, ao longo dos anos, no apuro e refinamento de alguns sentidos para que os pescadores exerçam sua atividade com qualidade nas águas dos rios, estuários e/ou mar. (RAMALHO, 2011)

Como bem observou Sautchuk (2007) em sua etnografia sobre os pescadores *laguistas* e *costeiros* da vila de Sacuriju-AP, as modalidades de pesca estão ajustadas as condições ecológica que,

por sua vez, para além da eficiência produtiva, são capazes de engendrar configurações particulares de pessoa, ou seja, o pescador constrói a sua identidade a partir de sua relação com a pesca.

Semelhante entendimento possui Ramalho (2011), para o autor a prática pesqueira informar um modo particular de relação com o ambiente. Esta relação se dá através de uma complexa educação do corpo-pescador:

O saber-fazer pescador artesanal liga-se à edificação de conhecimentos náuticos e pesqueiros, bem como à educação dos sentidos humanos. Fazer-se pescador é, gradativamente, adquirir consciência cada vez mais sofisticada do próprio corpo, de suas possibilidades de aprimoramento, de autocriação. (...) Dessa maneira, para existir como pescador, o homem tem que se afirmar na fruição dos seus sentidos concretamente, em seu dia-a-dia, nos diálogos que realiza com o mar, através de sua atividade produtiva. (RAMALHO, 2011)

Ingold (2015; pg. 99-100) discute de maneira bastante pertinente, através de sua noção de *habilidade*, sobre o papel da percepção nos processos de interação com o meio. Para ele, as atividades práticas longe de serem automatizadas – no sentido irreflexivo do termo – se constituem em processos que exigem constante atenção, controle e ajustamento em cumprimento das fases de um processo técnico: *preparação, início, continuação e encerramento*. Seguindo a perspectiva de Ingold, entendo que não só o meio físico exige respostas coerentes aos pescadores, mas também os próprios processos técnicos e a organização social em torno deles. Para Ingold – sou do mesmo entendimento – existe uma complexa e simétrica relação no *modus operandi* entre o organismos humanos, os materiais (artefatos técnicos) e os não-humanos.

Enquanto saber prático, a pesca artesanal, desde a iniciação, concede ao corpo papel de destaque. Os processos sociotécnicos são capazes de moldar o organismo humano às condições de trabalho, do contrário, ocorre a rejeição do indivíduo a esta modalidade técnica.

Por isso, são necessários costumes e resistências orgânicas como elementos primordiais do fazer-se marítimo. A consciência não está deslocada, como se vê, da natureza orgânica do ser social, necessitando dela para sempre se efetivar em si mesmo e, com isso, no meio ambiente. (...) A não adaptação orgânica obriga o deslocamento para outro trabalho, realizando quase que



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

uma “seleção natural” entre os próprios pescadores. (...) Sem a adaptação física ao meio ambiente marinho, as barreiras orgânicas não poderão ser suplantadas. Assim, o sentir dos sentidos não pode ser obscurecido na realização do trabalho pesqueiro. (RAMALHO, 2011)

Pude observar a aplicação prática da citação acima entre os pescadores artesanais de São Miguel do Gostoso, expressa nas palavras de um dos mais prestigiados pescadores daquele coletivo, Chico Neri, mestre-pescador há mais de quatro décadas:

O serviço lá (no barco) é pesado. Quem não dá pra pesca enjoa. A gente ver se os meninos, rapazinho que tá na idade de começar na pesca, se tem jeito pra coisa, daí. O corpo também muda, as mãos da gente fica calejada, aí nem se corta na rede pesada. (Chico Nery – *mestre-pescador*. São Miguel do Gostoso, 01/2014)

Na fala de Chico Neri, fica clara a importância do corpo para os processos técnicos da pesca. Ele fala sobre a iniciação na atividade – na transição de um corpo infantil para um corpo adulto – ao mesmo tempo em que elucida sobre as transformações pelas quais atravessa o corpo-pescador através dos processos técnicos. Suas palavras encontra ressonância nas do funcionário público e presidente da Associação de pescadores de São Miguel do Gostoso, Leandro, filho de pescador e iniciado na atividade sem muito sucesso:

A gente começa a pescar na beira da praia, depois quando tem uns 13 anos começa a pescar em alto mar. Papai me levou nessa idade mais ou menos, mas eu enjoava muito, mas fui um monte de vezes, mas sempre passando mal (vomitando e enjoando), aí papai decidiu que eu tinha que estudar, não dava pra pesca. Mas meu irmão Lênin deu, até hoje ele pesca. (Leandro – *funcionário público*. São Miguel do Gostoso 02/2011)

Ramalho (2011) explica que a labuta diária com o mar exige dos homens uma educação dos sentidos e a consciência na execução técnica. Não é suficiente apenas o conhecimento cognitivo sobre as propriedades do meio – a compreensão dos tipos de ventos, o ritmo das marés, a complexa operação mental de descobrir *pesqueiros*, os hábitos das espécies – e as possibilidades de técnicas de pesca –, faz-se necessário também a habilidade corpórea na execução:



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

O ato de pensar não tem nenhuma valia se não for traduzida no manejo do corpo capaz de lançar, com as mãos, uma rede no momento preciso sobre o cardume, no puxar o covo, na ação de equilibrar-se a bordo na hora em que se retira ou se coloca a rede no mar, etc. (RAMALHO, 2011)

À esta capacidade de operacionalizar domínios cognitivos e destreza corporal na execução da atividade, chamo de *perícia-técnica*. A organização social em um barco de pesca artesanal está diretamente atrelada a ela. A pesca artesanal informa diferentes habilidades no trato com o mar, estas habilidades, por sua vez, definirá o papel ocupado pelo pescador dentro da organização produtiva. Na pesca artesanal potiguar, as tripulações de pesca são geralmente compostas por três indivíduos: *Mestre*, *Proeiro* e *Ajudante*. Cada um deles com atribuições específicas, como informa o pescador de São Miguel do Gostoso:

Tem várias pescaria aqui, mas geralmente a gente sai daqui de tarde e só volta no outro dia de manhã. Lá faz muito frio quando tá de noite, tem que usar uma “japona” pra aguentar. Na jangada vai o “mestre” que pilota o barco e sabe onde tã os peixes, o “proeiro” (bico de proa) e o ajudante. O proeiro é quem joga a rede e o espinhel, o ajudante é pra ajudar a puxar a rede e guardar os materiais. (“Chueira” – pescador aposentado. São Miguel do Gostoso, 09/2013)

O *Mestre* ocupa lugar de destaque – inclusive na divisão do pescado capturado – por sua capacidade de *marcar*, isto é, de encontrar o *pesqueiro*, executando complexa e refinada operação mental. Sobre a *mestrança*, explica Ramalho (2011):

No trabalho artesanal marítimo, a prática da mestrança é o próprio dever-ser individual da arte de ser pescador. Sua técnica se expressa não no uso da força – tendo em vista que os mestres, em boa parte dos casos (não sempre), são os pescadores com mais idade –, mas no refino humanizador dos sentidos corporais que um homem deseja atingir no mar, no autocontrole psicológico e físico, na realização da sua autoatividade embarcada. Saber usar os sentidos é fundamental para atingir a prática da mestrança, o último e mais completo estágio da arte de ser pescador. O mestre é portador das leituras sensitivas e

mentais mais elaboradas, cuja tradução apresenta-se no ato talentoso de encontrar pesqueiros, de marcá-los e saber guiar-se no mar.

Marcar o mar ou encontra o pesqueiro, consiste na elaboração precisa de mapas cognitivos, forma de orientação espacial que leva em consideração um conjunto de elementos, tais como: sons da maré, a orientação dos ventos, o comportamento das espécies marinhas e de outras que disputam com os homens o peixe enquanto alimento, a profundidade do mar, a distância da terra a partir de marcos naturais e sociais da paisagem, e no caso da pesca noturna, a localização dos astros:

Marcar as áreas mais piscosas do mar – de acordo com mapas cognitivos – é trazer a natureza marinha à humanização edificada pela história cotidiana desses homens das águas, por meio da capacidade dos seus sentidos que a consciência trabalhou artesanalmente ao longo do tempo. Por isso, sons na água, sinais de cor, formações de nuvens, tipos de marés são decifrados como elos indissociáveis da relação humana com a natureza, ao introduzi-los como componentes relevantes do modo de vida do pescador e da sua reprodução ao longo dos anos. Todos os embarcados detêm atributos de refinadas leituras sensitivas náuticas e pesqueiras, mas ninguém igual ao mestre. Desmistificar o mundo aquático e as variáveis que o formam e o articulam é fator determinante da mestrança (RAMALHO, 2011)

A função de *Proeiro* dentro da hierarquia de habilidades, ao contrário da *mestrança*, exige força e destreza corpórea. É ele o responsável pelas ações técnicas mais importantes e, conseqüentemente, aquele que tem o corpo levado à exaustão:

No que concerne ao *Proeiro* da ponta... a leitura e o manejo corporal ágil revestem-lhe de papel essencial no mundo produtivo, ganhando reconhecimento dos demais *Proeiros* e admiração advinda do próprio mestre, que, em várias oportunidades, lê os gestos do *proeiro* da ponta para depois poder agir, e vice-versa. A comunicação é plenamente corporal, por causa do som do motor e/ou para não afastar peixes mais sensíveis, que poderiam fugir ao perceber sonoridades estranhas. (RAMALHO, 2011)



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Como explica Ingold (2015; pg.90) acerca da *habilidade* e percepção: “É na ‘sintonia’ mesma do movimento em resposta às sempre mutáveis condições de uma tarefa em desdobramento que a habilidade de qualquer técnica corporal, em última instância, reside”. Dessa forma, a *habilidade* do *Proeiro* no momento do lançamento da rede, por exemplo, não é uma ação meramente mecânica e automática, como muitos costumam pensar, ao contrário, é um processo – no sentido de estória, tal como elaborado por Ingold – que se inscreve através da sucessão de atos relacionais com artefatos técnicos e ambiente físico. Na extremidade da proa, o *Proeiro* deve possuir equilíbrio para suportar o embate da maré com a embarcação. Equilibrar-se aqui significa se integrar ao assoalho da embarcação e vibrar o corpo na mesma frequência que ela, do contrário a queda na água é certa. Ele deve ainda levar em consideração a velocidade e sentido do vento para lançar a rede ao mar.

Além disso, há outro corpo decisivo, e que não é o da natureza orgânica e inorgânica, para consolidar a arte da pesca: as ferramentas de pescar. Tais ferramentas (armadilhas e o barco) são extensões corporais dos pescadores e de sua destreza sensível, cujas funções voltam-se para atingir os objetivos do trabalho (os pescados) e seguir os roteiros marítimos. A posse do talento cristaliza-se no saber como e de que modo utilizar as redes e o barco, e também sentir, através desses instrumentos, a natureza marinha. (RAMALHO, 2011)

Já o *Ajudante*, geralmente um jovem pescador em seus ritos iniciatórios, cumpre a função, não menos importante, de guardar os apetrechos de pesca na posição de seu uso posterior, ajudar no recolhimento da rede e na ato mecânico de trazer o pescado para o barco. Juntos, este três elementos comum à pesca artesanal marítima potiguar, formam com a embarcação – como observou Sautchuk (2007) e Ramalho (2011) em seus respectivos contextos de pesquisa – um só corpo:

Assim, o barco – essa espécie de oficina marítima – torna-se a totalidade de um corpo só, a junção dos tripulantes da pesca, cuja expressão singular do sentir e o movimento corporal de cada homem congregam-se na conformação de um sentido só e de uma única corporeidade, organizada no mundo embarcado do trabalho pesqueiro e de suas funções cooperadas no ato de pescar. (RAMALHO, 2011)

Por fim, a noção de simetria proposta por Latour (1994b) aplica-se perfeitamente a pesca marítima artesanal praticada no litoral potiguar. Para o autor, humanos, coisas e animais se comunicam e se relacionam o tempo todo, sem que exista domínio exclusivo de qualquer um dos sujeitos. Segundo ele, a nossa relação com o mundo é de trocas, mediação e tensão. As complexas relações estabelecidas na pesca, por exemplo, promovem uma relação simétrica entre objetos, humanos e não-humanos.

O jogo: Perícia-técnica e moral-técnica

Trabalhe você agora, meu peixe. Eu trabalho depois. [...] matei este peixe que era meu irmão [...] (Hemingway – O velho e Mar, 2007).

Gostaria de a partir deste ponto adensar mais sobre o que tenho chamado de *jogo* no âmbito da pesca artesanal potiguar. A noção de *jogo* – por vezes expressa como batalha ou duelo – trata-se de uma percepção que os pescadores desenvolveram sobre a relação que estabelecem com os não-humanos através da prática pesqueira. Como mostrarei mais adiante, esta relação é a todo tempo mediada por processos técnicos. Em coletivos pesqueiros, tais como os encontrados no litoral potiguar, as fronteiras entre humanos e não-humanos e entre cultura e natureza, peculiares à ontologia das sociedades euroamericanas, são colocadas em xeque a todo momento. Embora estes agrupamentos estudados estejam inseridos em sociedades modernas e complexas e sejam por seus ritmos influenciados em vários aspectos, aqui a percepção do ambiente está muito mais próximo de uma perspectiva ontológica animista do que da perspectiva ontológica da sociedade envolvente.

Descola (1998) explica que a organização do mundo em que natureza e a cultura são categorias opostas, não é um dado universal. O autor apresenta quatro modelos ontológicos de relação humano-não humanos distintos – animismo, totemismo, analogismo e naturalismo –, neste último, dentro do qual a nossa sociedade, em termos filosóficos, está inserida, se constitui em uma forma de percepção do homem em descontinuidade com o mundo. Longe de uma crítica à perspectiva naturalista, o que Descola nos apresenta são outras formas de organizar a realidade, diferentes do ocidente euroamericano, como por exemplo, os Achuar – grupo indígena que habita a Amazônia equatorial –, para os quais, diferente da perspectiva que temos da natureza como algo exterior ou mesmo à parte, é entendida por eles como um espaço doméstico:



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Decidir tratar a natureza com respeito e benevolência supõe que a natureza exista - e também, sem dúvida, que tenha sido primeiramente maltratada. Quando a natureza não existe sob a forma de uma esfera autônoma, a relação com os animais só pode ser diferente da nossa, e a questão sobre matar um animal só pode se colocar em termos muito distintos daqueles que nos são familiares. (1998, pg. 25)

Mostrei no tópico anterior um pouco sobre os processos técnicos e da importância do corpo na prática pesqueira. O que chamo de *perícia-técnica* diz respeito a isso, a educação do corpo, ao domínio cognitivo das possibilidades técnicas e também da ação precisa. Em saber, como diria Ingold (2015), através da sinergia entre corpo e materiais, contar uma história:

Cada uso de uma ferramenta, em suma, é uma lembrança de como usá-la, que ao mesmo tempo segue vertentes de práticas do passado e as leva adiante em contextos atuais. O profissional qualificado é como um talentoso contador de histórias cujos contos são contados na prática da sua arte, em vez de palavras. (pg. 103)

Por sua vez, o que chamo de *moral-técnica* diz respeito aos limites impostos na pesca artesanal para a predação do ser marinho. Está imbricada nesta noção a necessidade de paridade na relação entre homens e peixes. Embora os homens possuam capacidades cognitivas e apetrechos técnicos, os peixes, para os pescadores estudados, possuem capacidades semelhantes às humanas, por exemplo, percepção visual e olfativa, consciência e capacidade de ação, além de uma maior adaptabilidade ao ambiente marinho. A *moral-técnica* consiste então, no uso de técnicas que não impossibilitem o *jogo*, ou seja, a disputa justa entre homens e seres marinhos.

O escritor americano Ernest Hemingway foi capaz de, com uma capacidade literária invejável, tratar sobre a relação entre humanos e não-humanos no âmbito da pesca artesanal cubana em seu livro *O velho e o mar* (2007), através do confronto entre o personagem principal (Santiago) e um peixe espadarte. Longe de ser apenas uma ficção literária, o livro revela o caráter humanizado do confronto.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

O arcabouço de conhecimentos resultante deste *jogo* é incrível. Os pescadores potiguares revelam ser capazes de reconhecer através do tato a espécie fígada antes mesmo de trazê-la ao barco. Como explica “Dé”, pescador artesanal de Caiçara do Norte:

A gente sente a batida dele (o peixe) pelo linha, ele tá lá no fundo, lá no fundo mesmo, mas a gente já sabe qual é (“Dé” – *pescador*. Caiçara, 05/2016).

A fala de “Dé”, encontra ressonância na pesquisa realizada por Ramalho Negreiros (2011) junto à comunidade pesqueira de Suape-PE:

Para encontrar pescados, a audição e, mais uma vez, a visão e o tato são também centrais, na medida em que se tornam categorias sociais acerca dos melhores momentos e locais para se pescar, ao apontar onde tem, onde não tem ou pode existir pescados (os pontos de pesca). Pela forma que os peixes batem no mar, pela mudança de coloração das águas ou pela força colocada na mão que segura a linha de pesca, os peixes são encontrados e distinguidos (aracioba, cavalas, guarajuba, serra, tainha, sardinhas, agulhas, bagres) para que, a partir daí, se saiba utilizar os meios mais adequados para capturá-los (redes mais apropriadas de acordo com a malha, profundidade, tipos e tamanhos da linha, isca especial e outros), tendo em vista alcançar o fim pensado, para que a teleologia aconteça. (RAMALHO, 2011)

Há ainda a humanização dos seres marinhos. Além da capacidade de ação, os pescadores atribuem à eles personalidade/temperamento, por exemplo: “esperto”, “brabo”, “bobo” e etc.

Tem que conhecer o peixe, os peixe é como gente, tem peixe mais manso e peixe mais trabalhoso. Por exemplo, o “peixe-agulha”, tem que saber a rede que vai usar pra ele, porque é um peixe brabo, rasga a rede todinha. (“Chueira” – *pescador aposentado*. São Miguel do Gostoso, 09/2013)

“Dé” também me explica sobre o uso de redes feitas de nylon ao invés das antigas redes tecidas com algodão e da sua maior eficácia técnica:

A rede de nylon fica transparente na água, a de algodão escurece com o tempo e aí não pega mais peixe... o peixe é como a gente, se ele vê a rede ele vai sair



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

dela. Se você vê a fogueira no meio do caminho, não vai passar nela, vai passar em volta. O peixe é igual (“Dé”, pescador. Caiçara, 05/2016).

Dessa forma, na perspectiva dos pescadores estudados, o que garante o *jogo* é a noção de paridade entre homens e peixes no confronto. Paridade que os pescadores artesanais alegam não existir na pesca industrial, pois o *jogo* só é possível quando a possibilidade de vitória do peixe não é eliminada.

Autores como Diegues (1983), Duarte (1999) e Ramalho (2011) destacam na pesca industrial a racionalidade econômica e a organização social do trabalho baseada em princípios burocráticos. Ao invés de produtores, os pescadores vinculados a esta modalidade de pesca são assalariados responsáveis, não pela captura do pescado, mas pela gerência de maquinários que o fazem.

Esses pescadores embarcados não lutam com o peixe, o negócio deles é usar aquelas rede que cata tudo que tiver pela frente: cardume que eles querem pegar, peixe grande, peixe pequeno, peixe ovado, tartaruga, algas e até lixo... tudo que você imaginar a rede deles pega. Aí é injustiça com a gente e com os bicho. (José – *pescador*. São Miguel do Gostoso, 02/2014)

Na pesca industrial se estabelece uma distância entre os pescadores e os seres marinhos. Isto ocorre em razão da especialização técnica da empresa de pesca em uma determinada espécie de peixe. Por sua vez, isto retira dos pescadores desse segmento a autonomia sobre os horários de trabalho, as espécies a capturar e, conseqüentemente, das técnicas a serem utilizadas. Ademais, a pesca industrial faz uso de metodologias no qual a *moral-técnica*, encontrada na pesca artesanal, não se faz presente:

O controle da técnica é fundamental para os desafios que estão sempre presentes em alto-mar e cuja legitimidade apresenta-se na batalha a ser travada com os peixes em condições justas, tendo em vista que, por existir chances do pescado escapar diante das armadilhas, o talento do marítimo em vencer o peixe vivifica-se ainda mais. Na pesca artesanal – diferentemente da industrial que diminui as margens do peixe escapar e não ressalta a riqueza do trabalho vivo -, há o jogo, o improviso do saber-fazer, o manejo complexo dos sentidos humanos e, acima de tudo, a luta entre o homem e o peixe pela sobrevivência, que enobrece a arte de ser pescador graças ao estado equitativo

e ético em que se opera e ocorre tal desafio marinho, recheando-o de beleza, maestria e orgulho, e, assim, de humanidades o mar. (RAMALHO, 2010)

Para finalizar, como também observou Ramalho (2010), é através do *jogo*, ou seja, da capacidade de operacionalizar concomitantemente *perícia-técnica* e *moral-técnica* que, os pescadores artesanais adquirem prestígio em seu coletivo pesqueiro, fundamental para a manutenção dos laços que regem esta relação com o ambiente marinho.

Conclusão

Hoje a competição obriga as vezes a gente pegar peixe que antes não pegava. Como a pesca embarcada usa uma rede que recolhe os peixes antes deles se aproximarem da terra, aí a gente fica sem peixe, os que aparece a gente tem que pegar. Mas não era assim não, a gente só pegava peixe grande (adulto), peixe pequeno (não-adulto) quando vinha a gente devolvia. (Rildo – *pescador*. Praia da Pipa, 01/10)

Longe de efetuar uma crítica – neste momento os dados não me permitem – minha intenção neste artigo foi exaltar as qualidades, muitas vezes esquecidas e preteridas, das relações humano-animal no âmbito da pesca artesanal, utilizando como exemplos etnográficos, os pescadores marítimos do litoral potiguar.

Como antropólogo, agi aqui como um tradutor, ou no mínimo, aquele que, assim como outros autores, lançou luz sobre práticas sociais que tem muito a nos ensinar. Fugindo dos debates ecocêntricos sobre a predação animal, quis aqui chamar atenção sobre outras formas de lidar com isso, bem como das críticas que estão sendo elaboradas por este segmento social às formas com que a sociedade envolvente tem se relacionado com outras espécies.

A noção de *jogo* que aqui apresentei é também uma defesa consciente dos pescadores artesanais potiguares e de outras partes do extenso litoral brasileiro da necessidade de se pensar práticas mais equitativas de pesca. A continuidade desta importante prática cultural depende disto.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Bibliografia

ALMEIDA FILHO, Paulo Gomes de. **“Aqui se faz gostoso”**: uma etnografia do turismo em São Miguel do Gostoso/RN / Paulo Gomes de Almeida Filho. – Natal, RN, 2014.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Francisco Alves, 1978.

DESCOLA, Philippe. **Estrutura ou sentimento**: a relação com o animal na Amazônia. *Mana* [online]. 1998.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**, São Paulo, Ática, 1983.

DUARTE, F., **As Redes do Suor**: a Reprodução Social dos Pescadores da Produção do Pescado em Jurujuba, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, EDUFF, 1999.

EVANS-PRITCHARD, E.E. *Os Nuer do Sudão do Sul*. In: FORTES, Meyer e EVANS-PRITCHARD, E.E. **Sistemas Políticos Africanos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1981.

FORTES, Meyer e EVANS-PRITCHARD, E.E. *Introdução*. In: FORTES, Meyer e EVANS-PRITCHARD, E.E. **Sistemas Políticos Africanos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1981.

GEERTZ, Clifford. *Centros, reis e carisma: reflexões sobre o simbolismo do poder*. In: **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HEMINGWAY, Ernest. **O velho e o mar**. 61.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LATOURETTE, B. **Jamais fomos modernos**: ensaios de antropologia simétrica. São Paulo; Editora 34, 1994b.

———. **On technical mediation** - philosophy, sociology, genealogy. *Common Knowledge*, v. 3, n. 2, p. 29-64, 1994a.

MALDONADO, Simone. **Pescadores do Mar**, São Paulo, Ática, 1986.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. **Estética marítima pesqueira**: perfeição, resistência e humanização do mar. Ambiente e Sociedade (Campinas), 2010.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

———. **O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais.** Revista de Antropologia (USP. Impresso), 2011.

SAUTCHUK, C. E.. *Topar, arpoar: a relação com o pirarucu.* In: **O Arpão e o Anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas** (Vila Sucuriçu, Amapá). Tese de doutorado, DAN/UnB, 2007.

WEBER, Max. **Max Weber. Ensaios de sociologia.** Hans Gerth e Wright Mills (org.). Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1974.